



O uso da infografia na revista *Saúde!*

Elaine Aparecida Manini¹
Universidade Federal de Santa Catarina
nanimanini@gmail.com

Resumo: *Este artigo é um estudo de caso que se propõe a analisar o uso da infografia no jornalismo científico brasileiro tomando por base a revista Saúde! é vital, da Editora Abril. Analisar-se-á o aumento da utilização de infográficos como ferramenta de apoio à compreensão do texto na publicação e a importância deste recurso. Uma apreciação dos dados colhidos entre os anos de 1991 e 2004 mostra como a infografia foi incorporada à revista e como esta opção editorial modificou a forma de transmitir a notícia, conferindo-lhe maior qualidade. Com o passar dos anos, observa-se que a quantidade de texto diminuiu. Fica perceptível uma transferência de informação textual para visual.*

Palavras-Chave: *infografia; infográfico; saúde; jornalismo científico*

Introdução

A revista *Saúde!* configura-se como um dos periódicos de divulgação científica mais infografados do Brasil. Durante o período pesquisado, a revista passou por duas relevantes mudanças que atingiram diretamente o uso da infografia: a primeira e maior, quando passou da editora Azul para a editora Abril, em junho de 1998; e a segunda, o aumento de seu formato, de “pato” (nome procedente dos gibis do Pato Donald) para o tamanho padrão (26,5 x 20cm), em junho de 2002.

Antes de entrar de fato no tema deste artigo, vale comentar a importância do emprego da infografia quando se trata de jornalismo científico. Esta especialidade comumente traz temas difíceis de serem simplificados e traduzidos à população leiga. Algumas vezes, o assunto a ser tratado é um pouco complexo, o que dificulta sua

Trabalho apresentado ao GT Jornalismo, do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

¹ Estudante de Jornalismo (Universidade Federal de Santa Catarina). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq e membro do Núcleo de Pesquisa em Linguagens do Jornalismo Científico (Nupejoc): <http://www.nupejoc.cce.ufsc.br>



compreensão. A infografia vem auxiliar o jornalismo científico, que teria, conforme Silva, Arouca e Guimarães (2002), o compromisso de dar ao cidadão:

“o direito não somente de ter à sua disposição as informações sobre as tecnociências, mas também de ter as condições para formar sua capacidade de ler, compreender e opinar sobre os assuntos científicos e tecnológicos e, acima de tudo, participar, direta ou indiretamente, nas questões relativas às tecnociências”. (2002: 157)

Afirmando a amplitude que a divulgação deve alcançar para cumprir com a democratização do conhecimento, Hernando cita alguns dados, que irão fortalecer a importância da utilização do infográfico para inserir o público no contexto da realidade atual:

“Contamos hoy con 40 millones de científicos e ingenieros, lo cual equivale solo al 1% de la humanidad; el 99% restante no comprende ni la ciência ni la tecnologia. Hacerlas entender a esse 99% es misión y responsabilidad de la educación y la información”. (1997: 32)

Para o bom entendimento, a informação deve ser clara. Mais adiante, pretende-se demonstrar como a infografia é capaz de conferir qualidade aos textos jornalísticos.

A metodologia aplicada para esta pesquisa é a de um estudo de caso, com base em levantamento, por ser o mais apropriado - de acordo com Robert Yin (2005) -, para responder o tipo de questão que está no cerne do projeto “O uso da infografia no jornalismo científico”, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Linguagens do Jornalismo Científico (NUPEJOC), a saber: como e por que a infografia atua enquanto recurso informativo de natureza jornalística.

Nas próximas páginas se desenvolverá a análise da revista *Saúde!* a partir de três enfoques: (1) o período de transição para incorporação da infografia; (2) como a produção é feita na atualidade e, por fim, (3) seu uso particularizado.

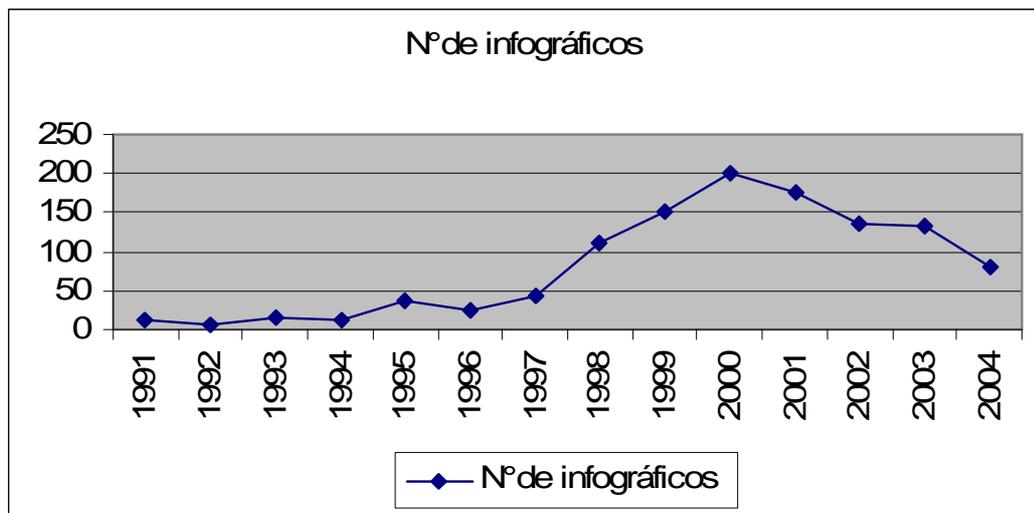
Introdução da infografia na revista *Saúde!*

Até hoje não há um consenso definido sobre o que é ou não um infográfico. Para tornar possível o levantamento de dados dos infográficos em nosso estudo foi tomado por base a definição de Valero Sancho:

“... se puede decir con cierta seguridad que la infografía de prensa es una aportación informativa, realizada con elementos icónicos y tipográficos, que permite o facilita la comprensión de los acontecimientos, acciones o cosas de actualidad o algunos de sus aspectos más significativos, y acompaña o sustituye al texto informativo”. (2001:21)

A partir deste conceito, a evolução do uso da infografia na revista *Saúde!*, entre 1991 e 2004, ficou assim desenhada:

Gráfico 1



Para melhor leitura do gráfico vale lembrar que é em 1998, quando se percebe um acentuado aumento do número de infográficos, que a revista passa para a Editora Abril e é assumida pela diretora de redação Lúcia Helena de Oliveira. Assim, fica explícita a posição da editora – que trabalhou com Eugenio Bucci na revista *Superinteressante* - com relação à infografia. Outro ponto que deve ser levado em consideração é que a partir de 2002, apesar da queda observada, a revista aumenta de tamanho, o que proporciona maior espaço para os infográficos, e diminui o número de páginas.

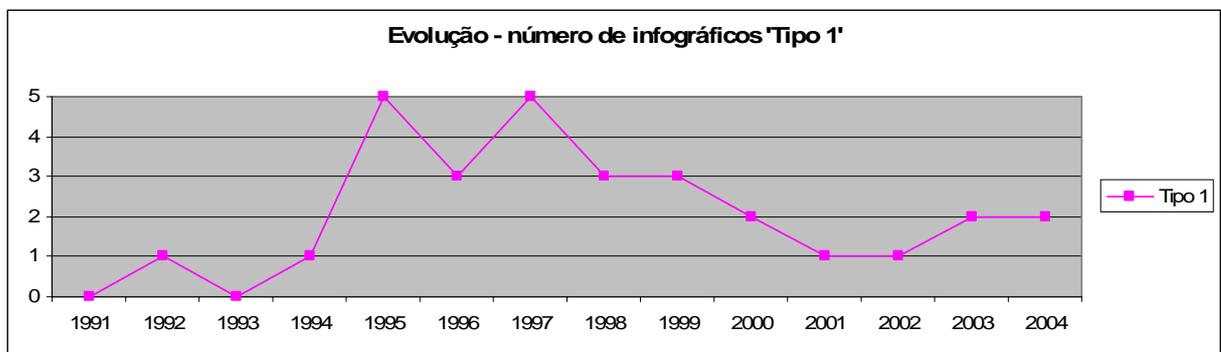
O conceito de infográfico adotado pela *Saúde!* é uma definição que parece ser comum na Editora Abril. Robson Quinafélix, diretor de arte da revista desde 2001, em entrevista à autora, explica:

“Há aquelas definições clássicas de Iria [editor de infografia da abril]: ‘Infográfico é imagem em ação’. Então, quando você tem que explicar alguma coisa acontecendo em etapas - a molécula vem aqui nesta

célula e faz isso, depois ela se transforma naquilo e depois vai trombar com outro elemento do corpo -, quando tem uma história, dividida em capítulos, em etapas, é um infográfico. Este é um dos conceitos básicos”.

Apesar disso, percebe-se uma discordância ao se observar a presença de infográficos sem o crédito e/ou identificados por outros termos como ‘figura’ ou ‘ilustração’. O fato de não haver ainda um consenso com relação ao significado de infográfico na revista *Saúde!* - o que também acontece com os estudiosos do assunto - aponta nitidamente um período de transição do não uso para o uso do recurso. Há ilustrações utilizadas como ferramenta de apoio à leitura, com o objetivo justamente de facilitar a compreensão de algo. No entanto, o texto que as complementa e conferiria a elas o nível de infográfico, caso estivesse casado com o desenho, está no meio da matéria, que as indica. Essas ilustrações também estão presentes no levantamento feito, diferenciadas por uma subclassificação de ‘tipo 1’. Elas foram entendidas como pré ou proto-infográficos. Sua frequência está ilustrada no gráfico a seguir:

Gráfico 2



O emprego deste tipo de “infográfico” nos últimos anos pesquisados indica que, apesar dos avanços, a fase de transição ainda não está consolidada. A primeira característica observada, que determinou sua inserção num grupo específico, foi a falta de autonomia, de capacidade para funcionar sozinho para compreensão do acontecimento. Os infográficos inseridos nesta classificação são apenas tentativas de esclarecer ou de auxiliar algo que está explicado na matéria, funcionando somente como ilustrações. Nestes, a explicação em blocos de texto continua tendo preferência e às vezes fica até mesmo longe do desenho, o que exige um esforço de vai e vem do leitor

que poderia ser evitado. Para exemplificar, serão dados dois exemplos, um da edição de junho/1996 e outro de outubro/2004.



Figura 1 – Saúde, jun. 1996, pp. 14

Insulina de ação 24 horas

Todo diabético tem medo de o açúcar da circulação despencar — enfim, de ter uma hipoglicemia — se errar na dose ou na mistura de insulina. Principalmente à noite, já que ficará em jejum na madrugada. “Há 45 preparações do hormônio, o que confunde até os médicos”, absolve o endocrinologista Chacra.

Para simplificar a vida, a aposta é a glargina, uma nova insulina que requer uma única picada noturna. Ela repõe o hormônio basal, aquele mínimo que deveria estar sempre ali, na corrente sanguínea, pronto para o que der e vier. O

segredo da glargina é agrupar moléculas de insulina. “Elas se soltam aos poucos”, explica o endocrinologista Daniel Lerário, do Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

Uma experiência discutida no congresso envolveu 4 961 diabéticos tipo 2 tratados com remédio oral e uma injeção noturna da glargina. Após 24 semanas, 60% dos voluntários tinham o açúcar controlado. E as quedas bruscas da glicose diminuíram 40%. Pena, mas a glargina não dispensa as picadas de insulina ultra-rápida que alguns diabéticos devem tomar antes das refeições.

Efeito lento e contínuo

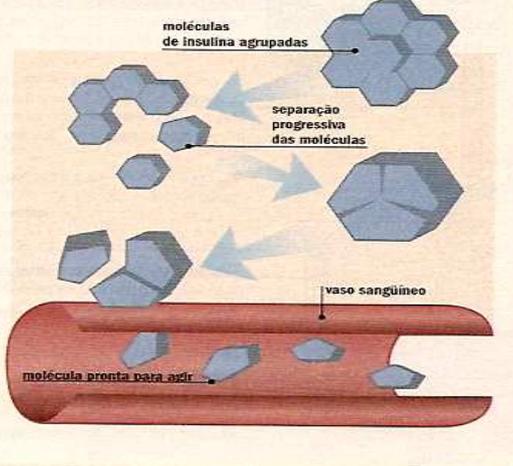


Figura 2 – Saúde!, out. 2004, pp. 37

Na figura 1, para se conhecer a estrutura do cabelo é utilizada a típica ilustração dos rótulos de xampu. Todo o texto acima se dedica a explicar essa estrutura, com duas indicações que remetem ao desenho. É interessante ressaltar ainda a indicação no texto como ‘ilustração’ “(veja ilustração)” e na figura, ao lado do crédito, como ‘infográfico’, o que denota a imprecisão do significado, já discutida anteriormente.

O segundo exemplo, na figura 2, entra nessa classificação pelo mesmo motivo. Mesmo com algumas indicações em texto, pode-se supor que o leitor leigo terá maior dificuldade para entender do que se trata. É possível que ele compreenda que a molécula de insulina agrupada promove um efeito prolongado, mas, pelo menos jornalisticamente, isso não faz muito sentido sem a informação, contida no texto, de que se trata da *glargina*, uma nova insulina que repõe um hormônio do corpo na função de se manter agrupada e se soltar aos poucos.

O aqui chamado proto-infográfico acaba servindo apenas de apoio ao texto. Não que esta não seja função da infografia, e talvez até uma das mais importantes, mas não deveria ser a única. Reforça-se nisto a idéia de ser pleno, independente e claro. O proto-infográfico serve apenas de suplemento do texto. Este deve ser lido antes para que aquele seja compreendido.

Utilização particularizada da infografia na revista *Saúde!*

No levantamento dos dados, os infográficos foram divididos quanto ao tipo em autônomo ou complementar e, quanto ao conteúdo, em didático ou jornalístico. Os classificados como complementares são aqueles presentes numa matéria, para explicar ou detalhar algo que é tratado pela mesma. Já os autônomos são os que aparecem sozinhos, sem acompanhar matéria alguma. Os didáticos são aqueles que têm a função de explicar ao leitor algo que ele, como leigo no assunto, não é obrigado a saber e os jornalísticos são os infográficos que trazem consigo a notícia, a informação jornalística, considerada aqui como aquela que produz conhecimento cristalizado no singular, conforme a orientação de Adelmo Genro Filho, em “O segredo da pirâmide”.

Gráfico 3

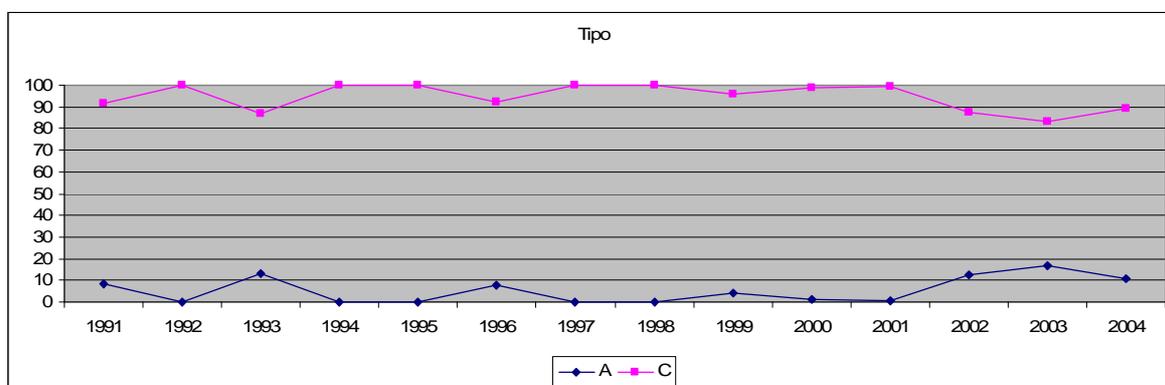
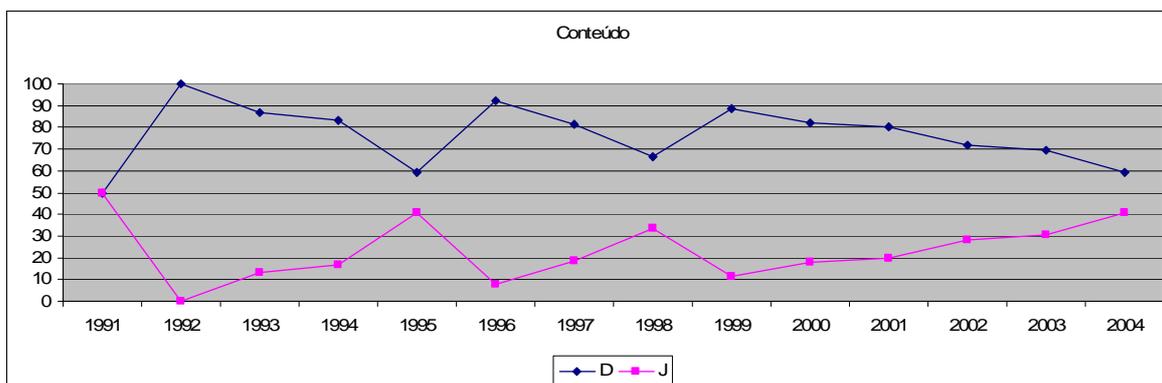


Gráfico 4



Uma análise dos dados coletados com relação a essas categorias permite compreender como se dá e qual é o principal uso da infografia no periódico. A predominância do infográfico complementar e didático indica a principal utilidade dele na *Saúde!*: situar o leitor na notícia, trazendo algo de referência direta a ela, conforme o observado na pesquisa. Ele se encaixa também no tipo de aplicação proposta por Valero Sancho, servindo como:

“una aportación informativa, realizada con elementos icónicos y tipográficos, que permite o facilita la comprensión de los acontecimientos, acciones o cosas de actualidad o algunos de sus aspectos más significativos, y acompaña o sustituye al texto informativo”. (2001; p.21)

Para ilustrar, serão dados dois exemplos. Na Figura 3, um dos infográficos mais simples da publicação, sobre a ação do Botox, da edição de junho/2002, e outro sobre a atuação de pomadas específicas contra hematomas, de julho/2002.



Figura 3 – Saúde, jun. 2002, pp.73

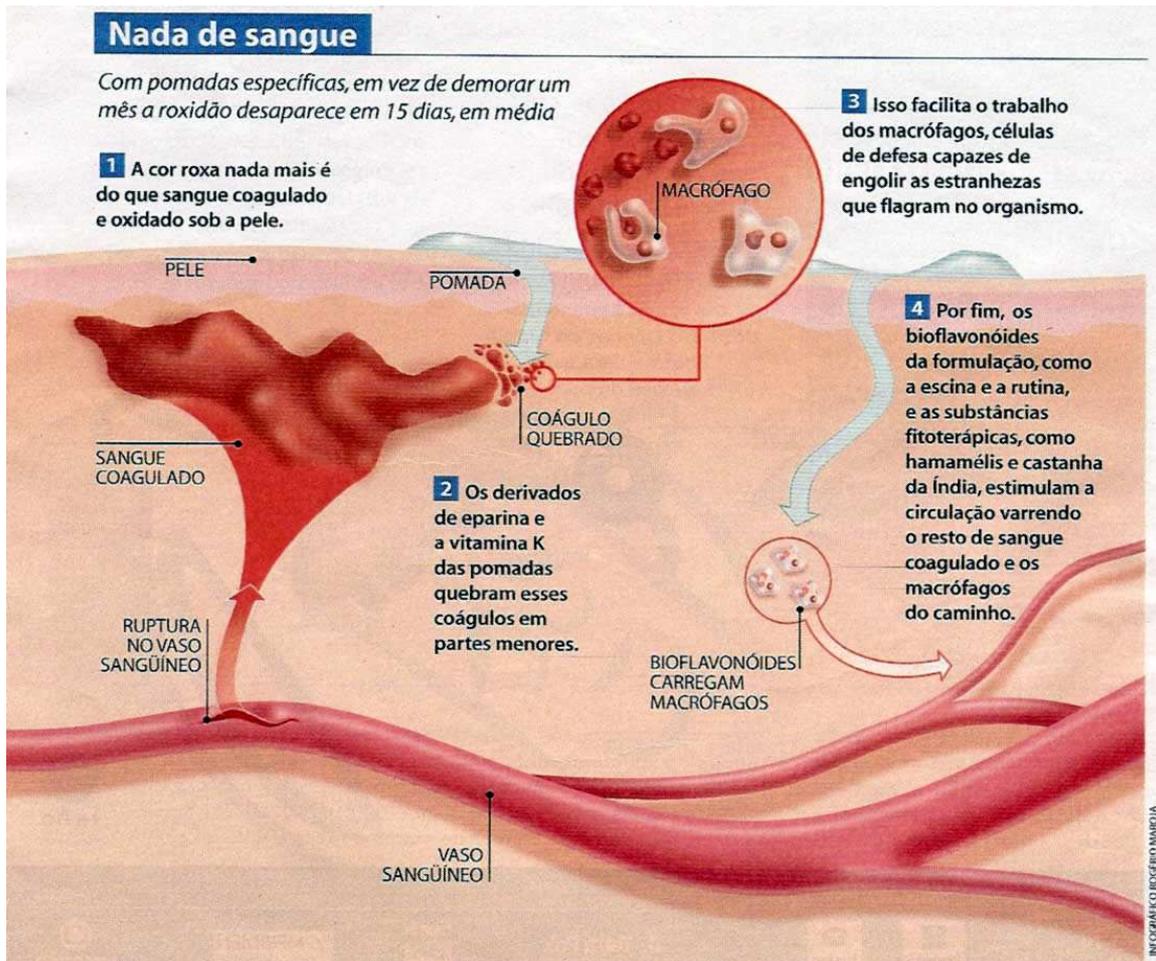


Figura 4 – Saúde, jul. 2002, pp.48

Os infográficos aqui explicam o que ocorre, situam e sintetizam os procedimentos. É importante dizer que o leitor recorre ao texto para obter mais informação, mas o processo já está claro, diferente daqueles que foram chamados de proto-infográficos.

A prática

A utilização adequada da infografia pode instigar o leitor a saber mais sobre o assunto e daí surge uma exigência maior do repórter, que deve partir em busca de outras informações. Na invenção de algo, por exemplo, pode-se direcionar para a imagem aquilo que assim for melhor entendido. Sobra espaço para o texto discorrer sobre custos, benefícios e malefícios, aspectos positivos e negativos enfim, falar da ação direta daquilo na vida das pessoas. Hernando (1997:96) afirma que os recursos gráficos não são “solamente un complemento informativo, sino un instrumento directo para dar a conecer aspectos distintos de la información”. É como se o infográfico permitisse a



entrada de informações detalhadas, que no texto não caberiam ou não seriam convenientes.

Para trabalhar com infografia, entretanto, é necessária uma postura diferente de quem apura a notícia, praticando o infojornalismo que De Pablos propõe:

“La base del infoperiodismo es la infografía, pero no se queda ahí, pues implica una manera de trabajar que potencia este renacido género visual impreso, con la ayuda de periodistas provistos de la suficiente cultura visual para saber en cada momento qué es lo más infográficamente conveniente” (1999:43)

Trazendo esta idéia para a prática da profissão, observam-se alguns problemas na formação dos repórteres com relação à aptidão para utilizar infografia. A preparação do profissional de jornalismo geralmente é colocada em xeque quando se trata de trabalhar com infografia. Na *Saúde!*, para se fazer os infográficos, há reuniões entre o repórter e os designers. O repórter passa as informações sobre o assunto a ser infografado e o designer cria o desenho. A diretora de redação, Lúcia Helena de Oliveira, ao falar sobre o preparo dos profissionais para trabalhar com infografia, indicou a percepção de uma lacuna na apuração e, por conseqüência, na própria formação:

“Não consigo fazer com que as pessoas pensem infográfico quando fazem a entrevista. Quando o repórter pensa nisso é porque ele nasceu com esse talento e não porque ele desenvolveu isso em uma faculdade ou um curso. Não foi exigida essa habilidade dele. O infografista é obrigado a entender da apuração, do texto, é obrigado a pensar na arte. Eu sinto que o pessoal de arte quando quer fazer infografia pega muito depressa e que tem contribuições boas quando ele tem essa vocação. A arte, quando existe vontade de fazer, já vem meio pronta. Agora no texto eu tenho a sensação que zero. Não é má vontade, mas não chega sabendo fazer. A gente fica ali com o cinzel o ano inteiro para ver se o repórter aprende a ‘brifar’ e o que acontece, na maioria dos casos, é o pessoal da arte orientando, na reunião de *briefing* do infográfico, o jornalista: ‘mas e isso, e aquilo, você reparou nisso, você reparou naquilo’. Vai se esforçando, quase por dedução porque, se não tem lá o Thiago Lyra [designer e infografista da revista], espremendo, isso com relação à quem chega,

‘como é que isso, como é que é aquilo como é que é aquilo outro’, não sai.’²

Além da melhor apuração, outro acréscimo que a infografia pode proporcionar é a criatividade na orientação de algumas matérias. É referindo-se a este quesito que Tattiana Teixeira (2006: 169) levanta a hipótese de que “o infográfico pode e deve ser usado como gênero complementar e não apenas como recurso didático”. Em *Saúde!*, um infográfico deste tipo foi finalista do prêmio Esso e do prêmio Abril. O infográfico “Equilíbrio interno”, feito por Rogério Maroja, complementava a matéria “Ossos fortes, saúde de aço”.



² Entrevista concedida a autora em 19 de março de 2007, na sede da Editora Abril



Figura 5 – Saúde, jun. 2004, pp.34 e 35

Para a equipe de *Saúde!*, isso auxilia na tentativa de evitar o desgaste do infográfico. Muitos temas precisam ser retomados e explicados novamente, e a informação precisa estar presente sem impressão de repetição. Do ponto de vista prático, Thiago Lyra, um dos atuais designers da revista, em entrevista concedida à autora, observa: “Às vezes nós precisamos variar, não ficar sempre no mesmo”.

Considerações finais



A presença nas revistas de hoje do que aqui se chamou proto-infográfico, indica uma ainda atual fase de transição na tentativa de implantação da infografia como novo recurso para o jornalismo. A falta de um consenso com relação ao seu conceito aponta uma lacuna nos estudos da área. Não há um limite, que não o pessoal, para indicar o que é ou não infográfico.

Na medida em que torna visíveis informações técnicas e truncadas, a infografia possibilita maior espaço para o texto discorrer sobre aquilo que enriquece a cobertura de ciência, como os riscos de uma invenção, os custos, os benefícios, as falhas ou os propósitos. O não estudo deste recurso acaba por interferir na formação dos profissionais, o que pode afetar diretamente os produtos jornalísticos. A falta de preparo pode dificultar a prática do jornalismo quando os profissionais não estão aptos para pensar imagem.

Se é válida a idéia de que a infografia traz um progresso em termos de informação, ao facilitar e agilizar a leitura, ou até mesmo diversificando-a, presume-se que com ela haja uma evolução na prática do jornalismo. O fato de o repórter ter que voltar na apuração após uma reunião de *'briefing'*, observado na revista *Saúde!*, deixa nítida a importância do infojornalismo e a sua contribuição – tornando bem resolvidas questões anteriormente truncadas através de melhor apuração e clareza na comunicação.

Referências

ANTUNES da SILVA, Gilson, CARDOSO AROUCA, Mauricio e FERNANDES GUIMARÃES, Vanessa. **As exposições de divulgação da ciência**. In: MASSARANI, Luisa, CASTRO MOREIRA, Ildeu de e BRITO, Fátima (Orgs). *Ciência e Público – caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 2002. pp. 155-163.

DE PABLOS, José Manuel de. **Infoperiodismo – el periodista como creador de la infografia**. Madrid: Síntesis, 1999.

DINIZ HOLZBACH, Ariane e AZEVEDO MELLO GOMES, Isaltina Maria de. **O tema saúde na Mídia Impressa: estudo de caso**. In: MORAIS de SOUSA, Cidoval; FERREIRA, Jose Roberto; BORTOLIERO, Simone (Orgs). *Jornalismo científico e educação para as ciências*. Taubaté, SP: Cabral editora, 2006. pp. 69-82.



GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

HERNANDO, Manuel Calvo. **Manual de Periodismo Científico**. Barcelona: Bosch, 1997.

K. YIN, Robert; trad. Daniel Grassi. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

TEIXEIRA, Tattiana. **O uso do infográfico na Revista Superinteressante – um breve panorama** In: MORAIS de SOUSA, Cidoval, FERREIRA, Jose Roberto e BORTOLIERO, Simone (Orgs). **Jornalismo científico e educação para as ciências**. Taubaté, SP: Cabral editora, 2006. pp. 165-180.

VALERO SANCHO, José Luís. **La infografía – técnicas, análisis y usos periodísticos**. Bellaterra: UAB, 2001.